Rumos na rede

ÍNDIGO

O colapso dos bibelôs

Ilustrações: Weberson Santiago,
Thiago Cruz e Clayton Luz

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Deyson Gilbert

Moderna
Contigo criamos leitores

Vidas virtuais, universos paralelos

MARIA LUIZA ABAURRE

A "vida líquida" é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna. "Líquido-moderna" é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir.[1]

O surgimento da rede mundial de computadores trouxe o fim das limitações físicas que, durante séculos, regularam o estabelecimento e a multiplicação das relações sociais.

O indivíduo, fascinado com a nova "realidade", não se deu conta da imensa transformação desencadeada principalmente nos processos de constituição da própria identidade. Incorporada ao ambiente doméstico, a tecnologia passou a ocupar espaços cada vez maiores.

O impacto desse processo no tecido social gerou, nas duas últimas décadas do século XX, uma **singularidade**, ou seja, "um evento que desencadeia mudanças tão profundas que torna impossível uma volta ao estado anterior de coisas". [2]

As inúmeras possibilidades de relacionamento criadas no universo virtual ainda estão por ser devidamente analisadas, mas, mesmo sem que isso ocorra, o fato é que os adolescentes parecem ter encontrado ali o espaço preferencial para estabelecer muitas das suas relações sociais e, de algum modo, concluir o processo de construção da própria identidade individual. É no ciberespaço que esses jovens se sentem mais à vontade para construir seu conhecimento de mundo e estabelecer relações sociais.

Uma pesquisa do Centro de Integração Empresa-Escola apurou que 64,8% dos alunos do Ensino Médio usam a internet para ler *e-mails*, 64,1% para fazer seus trabalhos escolares e 57% têm página no Orkut. E o que explica a imensa popularidade de *sites* de relacionamento social como o Orkut?

Em primeiro lugar, a possibilidade de fazer — e manter — contato com um grande número de amigos e conhecidos, sem qualquer limitação física.

Em segundo lugar, o fascínio representado pela **criação** de um perfil "pessoal": o usuário pode inventar uma *persona* virtual, com as características que desejar, e passar a habitar esse espaço por meio dela.

Características e limitações pessoais são descartadas em favor da construção de uma identidade ideal, totalmente imaginada, que é apresentada ao mundo como a "face" real do seu criador. Por meio dessa *persona* digital novas relações pessoais e sociais são estabelecidas.

A série *Rumos na rede* foi concebida para criar espelhos ficcionais que ofereçam aos jovens a possibilidade de refletir sobre importantes temas associados à definição da própria identidade e o impacto que a "vida" no ciberespaço tem nesse processo.

A narrativa se apresenta, desde o início dos tempos, como espaço privilegiado de reflexão. Animal fabulador por natureza, o ser humano se vale da construção ficcional como recurso para conquistar algum distanciamento de experiências vividas e ainda não plenamente compreendidas. **Essa é uma das funções constitutivas da ficção.**

No caso específico dos jovens e do ciberespaço, o distanciamento que permite a reflexão torna-se praticamente inalcançável, porque o processo de fabulação está na essência das relações ali estabelecidas. Esperamos, com as narrativas desta série, criar um contexto que, por recriar ficcionalmente dilemas e angústias característicos desse novo espaço, favoreçam a construção de novas competências, fundamentadas em valores positivos, que privilegiem as emoções e os relacionamentos vividos no mundo real.

[1] BAUMAN, Zygmunt. "Sobre a vida num mundo líquido-moderno". *Vida líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. p. 7.

[2] O conceito foi definido por Marc Prensky, fundador e CEO da Games2train.com, empresa de desenvolvimento de jogos para treinamento que tem como clientes grandes corporações (Nokia, IBM, Pfizer, etc.). Para fazer referência aos conflitos desencadeados pelo avanço tecnológico, Prensky estabelece uma distinção entre os **nativos digitais** (pessoas nascidas após o surgimento das novas tecnologias) e os **imigrantes digitais** (pessoas nascidas antes da era digital e que procuram se adaptar às novas possibilidades tecnológicas).

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

✦ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

✦ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

✦ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

✦ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- do mesmo autor;
- sobre o mesmo assunto e gênero;
- leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

ÍNDIGO

O colapso dos bibelôs

Ilustrações: Weberson Santiago,
Thiago Cruz e Clayton Luz

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Nascida em Campinas, São Paulo, em 1971, Ana Cristina Ayer de Oliveira, verdadeiro nome por trás do pseudônimo Índigo, é autora de diversos livros infanto-juvenis, contos e *blogs* que manteve ou ainda mantém na rede. Começou sua carreira por volta de 1997, escrevendo contos que circulavam pela internet. Publicou seu primeiro livro, *Saga animal*, em 2001 e desde então não parou de publicar e escrever. De sua autoria já foram lançados *Caixinha de madeira* (2003), *Festa da mexerica* (2003), *Perdendo perninhas* (2006), *Como casar com André Martins* (2006), *Cobras em compota* (2006), *O segredo do vô Juvêncio* (2006), *A maldição da moleira* (2007), entre outros. Escritora de estilo bastante peculiar, Índigo consegue dar à literatura infanto-juvenil uma complexidade incisiva e atual, o que fez com que ganhasse inúmeros prêmios por seus livros (só em 2006, na categoria contos, arrematou o prêmio "Literatura para todos" do Governo Federal e a Bolsa de Criação Literária do Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo) e chamasse a atenção de figuras como a do cartunista Laerte, que, na orelha do livro *Festa da mexerica*, aponta para o modo como a literatura de Índigo "possui um estranho panfletarismo, em que o modo de ver do adulto e o da criança se confundem e se superpõem". Atualmente, Índigo se desdobra em inúmeros projetos, além de manter atualizado seu *blog* "Diário da odalisca", que pode ser visitado no seguinte endereço: http://diariodaodalisca.zip.net/

RESENHA

E se, de repente, sem que ninguém esperasse, todo o sistema de comunicações do país entrasse em colapso? O que poderia ocorrer ao mundo se uma pane geral tornasse

inúteis telefones e celulares? Quais seriam as consequências sociais de um mundo sem linhas telefônicas? É com essa premissa que Índigo parte para escrever *O colapso dos bibelôs*. Escrito em primeiro pessoa, o livro narra a história de Danilo, um garoto comum que, no ponto crucial daquele que poderia ser o momento mais importante de sua vida — a conversa via MSN com a garota pela qual é apaixonado —, vê sua comunicação interrompida por uma queda no seu servidor de internet. No entanto, aquilo que parecia ser uma simples e corriqueira "queda da internet", se revela mais tarde como o resultado de uma pane geral nos serviços de comunicação de todo o país. É por causa da ansiedade de descobrir o desenlace final de sua conversa que Danilo parte para o mundo real e, para sua surpresa, descobre que tudo ao seu redor acabara de virar de pernas para o ar. Sem linhas telefônicas, a cidade entrara em colapso: pessoas digladiam por comida nos supermercados, os jornais se vêm destituídos de suas principais fontes de informação, familiares entram em desespero sem notícias de seus parentes, amigos formam estranhas confrarias de sobrevivência física e psicológica, sem contar, além de tudo isso, todo o vazio deixado pela falta da internet na vida de inúmeras pessoas. É em meio a todo esse caos que acompanhamos Danilo, seguindo suas impressões e observações a respeito de um mundo que agora ele vê se despir de suas "roupas virtuais", sejam elas tecidas pela linhas da internet ou da tacitamente aceita falsidade e banalidade do dia-a-dia. Pelos olhos de Danilo, observamos que tanto o mundo virtual da internet quanto a realidade escondem uma crise silenciosa e angustiante, vivenciada por todos nós diariamente, quer saibamos ou não.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

De modo extremamente simples, podemos dizer que existem três tipos de crises: aquelas que sabemos que podem acontecer e tentamos de todo modo evitar; aquelas que jamais imaginaríamos poder acontecer, mas que de repente, acontecem, nos pegando totalmente desprevenidos; e, por fim, aquelas que sabemos que podem acontecer, mas, por algum motivo, preferimos ignorar. E procuramos ignorar não somente a expectativa de um possível futuro crítico e complicado, mas uma crise que se desenrola sob nossos pés aqui e agora. É esse o tipo mais complicado de crise, pois, ao contrário das outras duas, revela que, durante certo tempo, escolhemos deliberadamente ignorar algum aspecto que, clara e evidentemente, nos apontava para a frágil harmonia sobre a qual se assentavam nossas vidas. Evidencia que, à revelia de se transformarem ou não em crises concretas, são antes de tudo crises internas e subjetivas, crises que falam muito mais sobre nós mesmos do que sobre o mundo.

É nesse sentido que a autora constrói a narrativa de seu livro, mostrando-nos que a verdadeira crise não se encontra no colapso que se efetiva em violência e caos, mas sim na consciência dolorosa de perceber que o que antes tomávamos por normal não passava de uma farsa vivida por nós dia após dia. Ou seja, a verdadeira crise narrada no livro não se encontra no mau funcionamento dos meios de comunicação e suas eventuais consequências públicas e privadas, como em um primeiro momento pode parecer, mas, no vazio humano que se esconde por trás da extrema dependência que toda a sociedade moderna construiu em relação a esses meios. Uma espécie de "dependência da distância" — sutil e avassaladora — faz com que, paradoxalmente, somente nos entreguemos ao outro quando acreditamos estar imunes a suas respostas e reações. Conceitos como família, amizade, identidade, amor, liberdade, expressão que, até meio século atrás, julgávamos extremamente concretos e definidos, esgarçaram-se, de modo que as relações sociais que vivenciamos no mundo contemporâneo

tornaram-se muito mais complexas: saber como agir em relação ao outro não é fácil. É exatamente nesse sentido que a história de Danilo, suas desventuras, impressões e reflexões tornam-se não somente a história de um garoto em particular, mas a narrativa de toda uma geração que a cada dia patina sobre o terreno movediço e desconhecido de uma sociabilidade estranha e frágil, pois ainda recém-nascida.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela

Palavras-chave: internet, identidade, crise

Áreas envolvidas: Tecnologias da Computação, Língua Portuguesa e Sociologia

Temas transversais: Ética

Público-alvo: alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Faça com que os alunos folheiem o livro e atentem para seu formato e diagramação peculiares, simulando as páginas da internet. Pergunte que elementos do projeto gráfico criam esse efeito.
2. Leia com os alunos o texto da quarta capa. A partir das informações ali colhidas e do que perceberam em relação ao projeto gráfico, estimule-os a imaginar seu conteúdo. O que acham que poderia acontecer se os meios de comunicação não funcionassem?
3. Estimule-os a consultar em um dicionário a definição de "bibelô". Verifique se inferem que "bibelô" pode estar empregado com um sentido metafórico, sugerindo futilidade.
4. Enfim, converse com os alunos a respeito de sua relação com a internet.

Durante a leitura

1. Desafie os alunos a tentar descobrir qual é o ponto de vista que organiza a narrativa: trata-se de um narrador neutro ou um narrador-personagem?
2. Peça a eles que, enquanto leem a história, analisem as impressões e considerações do narrador. Com quais concordam ou discordam de Danilo?
3. Chame a atenção para aos comentários "postados" pelos ilustradores do livro, que se encontram nas laterais do texto e podem servir de ponto de referência para eventuais discussões a respeito dos acontecimentos narrados.
4. Peça aos alunos que atentem para as ilustrações do livro, procurando perceber a relação que existe entre o texto e as imagens.

Depois da leitura

✦ *nas tramas do texto*

1. Converse um pouco com os alunos a respeito das impressões que tiveram do livro.
2. Organize um debate em que os alunos deverão pensar em outros elementos sobre os quais se sustenta lógica e psicologicamente a sociedade contemporânea. Como seria um mundo sem televisão ou rádio; sem a eletricidade; sem professores e escolas; sem carros e meios de transporte? Para além disso, como seria o mundo sem o Estado, o governo e as leis; sem o dinheiro e o consumo em geral; sem a religião e as crenças; sem a arte e a cultura; sem a ideia de propriedade privada etc.?
3. Organize os alunos em grupos e peça que criem narrativas fictícias a partir de um ou dois dos fatores discutidos. Por exemplo: que tal narrar a vida de um jovem em um mundo sem religião e sem leis? Acompanhe-os durante a elaboração do texto, chamando a atenção para eventuais simplificações, inverossimilhanças e, sobretudo, para todas

as eventuais implicações de se pensar toda uma sociedade sem aquele fator a partir do qual eles partiram. (Por exemplo: em um mundo sem religião, subsequentemente, sem a crença ou receio de uma justiça infalível e posterior, como seria estabelecido um sentido de moral entre os homens?

4. Peça que os alunos exponham seus textos para toda a sala e que, além disso, falem também sobre as conversas que tiveram durante sua produção.

✦ *nas telas do cinema*

Mostrando um futuro hipotético em que um regime totalitário proíbe a leitura e a posse de livros sob a alegação de tornarem as pessoas tristes e improdutivas, o filme *Fahrenheit* 451, do diretor francês François Truffaut, mostra-nos um universo em que a tecnologia é um dos principais protagonistas de uma sociedade rigidamente ordenada. O filme narra a história do bombeiro Montag, personagem que, semelhante a Danilo, aos poucos começa a perceber que sua vida e a de todos ao seu redor são sustentadas por uma espécie de farsa coletiva, em que tecnologia e bem-estar social contraditoriamente mascaram uma vida apática e esvaziada de sentido.

DICAS DE LEITURA

◗ da mesma autora

Festa da mexerica — São Paulo, Hedra
Saga animal — São Paulo, Hedra
Caixinha de madeira — São Paulo, Altana
Como casar com André Martins — São Paulo, Girafinha
O livro das cartas encantadas — São Paulo, Brinque Book

◗ sobre o mesmo gênero

O apanhador no campo de centeio — Jerome David Salinger, Rio de Janeiro, Editora do Autor
O jovem Torless — Robert Musil, Rio de Janeiro, Nova Fronteira
O Ateneu — Raul Pompéia, São Paulo, Moderna

◗ leitura de desafio

Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, São Paulo, Companhia das Letras.
No livro de Índigo, vemos o mundo se transformar a partir de uma crise nos sistemas de comunicação. Mas o que poderia ocorrer se, sem explicação alguma, uma epidemia de cegueira começasse a se alastrar por toda parte? É com essa premissa que o escritor português José Saramago constrói uma de suas mais famosas obras. A cegueira funciona como metáfora para delinear uma afiada análise sobre as relações sociais e a própria natureza do homem. Um livro interessante que pode ampliar e aprofundar questões nascidas do debate do livro de Índigo.